

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**Personalidade Depressiva e Depressão: Influência  
das Variáveis Sociodemográficas**

**Inês Saraiva Pinto**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica  
Dinâmica)**

**2018**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**Personalidade Depressiva e Depressão: Influência  
das Variáveis Sociodemográficas**

**Inês Saraiva Pinto**

Dissertação orientada por: Professor Doutor Bruno Ademar Paisana Gonçalves

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica  
Dinâmica)**

**2018**



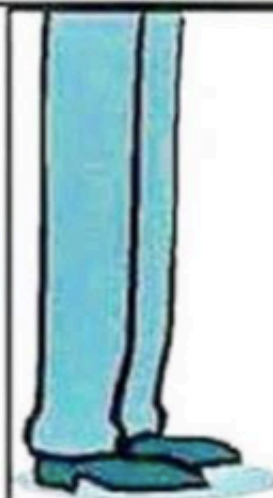
“ESSENCIAL À VIDA DE  
TODOS OS SERES VIVOS”,  
COMEÇA COM A LETRA “A”...

COMO VOCÊ  
CONSEGUIU  
ERRAR ESSA?!



É ÓBVIO QUE  
É “ÁGUA”!

O QUE VOCÊ  
COLOCOU  
NA PROVA?!!



AMOR!



## **Agradecimentos**

A todos, os tantos, que sempre tanto me ajudaram e ajudam!

Um profundo obrigada!

## **Resumo**

A presente investigação visa explorar a relação entre a personalidade depressiva e as variáveis sociodemográficas, tendo por base as evidências que se tem sobre a relação da depressão com as mesmas variáveis sociodemográficas. Para tal recorremos ao Inventário de Traços Depressivos (ITD) de Rui Campos (2009), e aos dados sociodemográficos da amostra. Fizeram parte da amostra 338 participantes, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e os 83 anos ( $M = 41.07$ ;  $DP = 13.56$  anos). Das sete variáveis analisadas, obtemos resultados significativos para cinco, que são as variáveis “Idade”, “Nível de Escolaridade”, “Situação Laboral”, “Situação Económica” e “Estado Civil”, o que significa que estas variáveis, tal como para a depressão, influenciam a variação de personalidade depressiva na população. Para a variável “Residência Urbana/Rural, e a variável “Sexo” não encontramos uma correlação significativa com os resultados do ITD, pelo que parece que estas variáveis não influenciam a variação de personalidade depressiva na população. Ainda encontramos, numa exploração adicional, resultados significativos para as variáveis sociodemográficas “Agregado Familiar”, “Ter Filhos” e resultados não significativos para “Crenças e Práticas Religiosas”. Os resultados são analisados e discutidos neste estudo, com base na literatura. De qualquer modo, conclusões deverão ser tiradas com o aprofundamento do estudo destas variáveis em investigações futuras.

***Palavras-chave:*** personalidade depressiva, depressão, variáveis sociodemográficas

## **Abstract**

The current research aims to explore the relationship between depressive personality and the sociodemographic variables, having as a background the evidences that are known from the relationship of depression with the same sociodemographic variables. For this it was used the Depressive Traits Inventory (ITD) created by Rui Campos (2009), and the sociodemographic data that was collected from the sample. The sample was constituted of 338 participants, with ages between 18 and 83 years old ( $M = 41.07$ ;  $DP = 13.56$  years). From the seven variables analyzed, we obtained significant results for five of them, which are “Age”, “Education Level”, “Employment Status”, “Economic Situation”, “Marital Status”, which means that these variables, as in the case of depression, do influence the variation of depressive personality in the population. For the variable “Urban/Rural Residence” and “Gender” it wasn’t found a significant correlation with the results from the ITD, which seems to show that these variables don’t influence the variation of depressive personality in the population. We still found in an additional exploration significant results for the sociodemographic variables: "Family Aggregate", " To have Children", and non-significant results for "Religious Beliefs and Practices". The results are analyzed and discussed in this study, in accordance to the literature. In any case, conclusions should be made with the deepening of the study of these variables in future investigations.

**Keywords:** depressive personality, depression, sociodemographic variables

## ÍNDICE

Introdução .....	1
Capítulo 1 - Enquadramento Teórico.....	2
1.1 A depressão .....	2
1.2 A depressão e os Fatores Sociodemográficos .....	3
1.3 A Personalidade Depressiva .....	5
1.4 Personalidade Depressiva, Depressão e a influência das Variáveis Sociodemográficas. ....	8
Capítulo 2 - Objetivos e Hipóteses .....	9
Capítulo 3 - Metodologia .....	10
3.1. Caracterização da Amostra .....	10
3.2. Instrumentos.....	11
3.2.1. Questionário Sociodemográfico.....	11
3.2.2. Inventário Traços Depressivos – ITD .....	12
3.3. Procedimento .....	13
3.4. Análise Estatística.....	14
Capítulo 4 - Resultados.....	14
Capítulo 5 - Discussão dos Resultados .....	20
Conclusões .....	24
Referências Bibliográficas .....	26



## ÍNDICE DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> <i>Caracterização Sociodemográfica da Amostra</i> .....	11
<b>Quadro 2</b> <i>Comparação entre participantes do sexo masculino e participantes do sexo feminino e a pontuação total obtida na escala ITD através do teste-t para Igualdade de Médias</i> .....	15
<b>Quadro 3</b> <i>Comparação entre participantes que residem na área Urbana e na área Rural e a pontuação total obtida na escala ITD através do teste-t para Igualdade de Médias</i> .....	16
<b>Quadro 4</b> <i>Resultados da Análise de Variância (ANOVA) sobre o efeito da variável “situação laboral” face aos resultados obtidos no teste que mede os traços depressivos de personalidade</i> .....	17
<b>Quadro 5</b> <i>Resultados da Análise de Variância (ANOVA) sobre o efeito da variável “situação económica” face aos resultados obtidos no teste que mede os traços depressivos de personalidade</i> .....	18

## **Introdução**

Compreender o funcionamento, as variações e as características de uma população, é muito mais do que um mero conjunto de conclusões estatísticas e números para constar nos arquivos do estado, ou numa prateleira intocada de uma biblioteca científica. Compreender o funcionamento de uma população é ouvir o seu respirar, é auscultar o seu coração para melhor lhe compreender como ‘bate’, qual o seu ritmo, de que precisa...

Na presente investigação, iremos explorar a influência dos fatores sociodemográficos sobre a personalidade depressiva, tendo por base de comparação a relação entre as mesmas variáveis e a depressão. Com base no pressuposto de que existe uma forte correlação entre a personalidade depressiva e a depressão (Coimbra de Matos, 2001; Campos, 2009), pareceu-nos interessante e válido comparar a relação entre as variáveis sociodemográficas e a depressão - sobre a qual há bastante literatura - e a relação entre as variáveis sociodemográficas e a personalidade depressiva.

Para realizar o estudo da relação entre as variáveis sociodemográficas e a personalidade depressiva recorreremos ao Inventário de Traços Depressivos (Campos, 2009) e aos dados sociodemográficos da amostra.

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos. No Capítulo 1, apresentamos uma breve revisão da literatura mais pertinente, sobretudo relativa à personalidade depressiva. No Capítulo 2 expomos os objetivos e as hipóteses de estudo. No Capítulo 3 introduzimos a metodologia, incluindo as características da amostra, instrumentos utilizados, procedimentos, etc. No Capítulo 4 fazemos a análise/discussão dos resultados e por fim, no Capítulo 5, dirigimo-nos às conclusões retiradas do estudo realizado.

## Capítulo 1 - Enquadramento Teórico

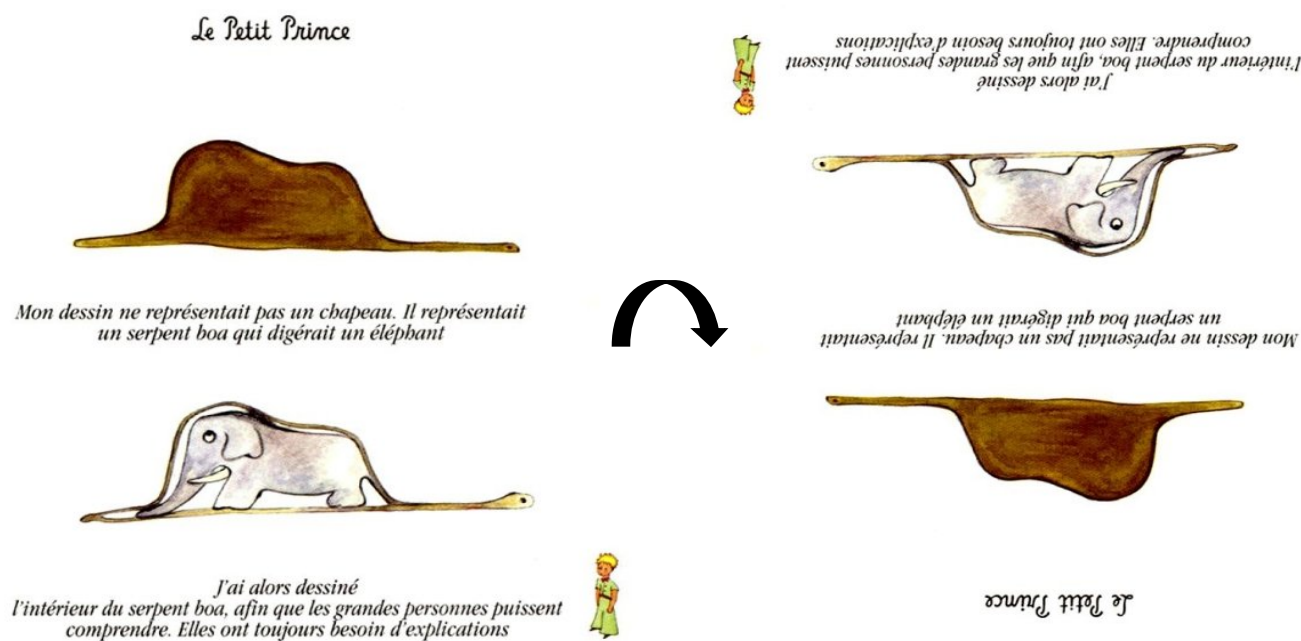
### 1.1 A depressão

A palavra depressão tem significado em vários campos da nossa sociedade: na medicina e psicologia, na economia, na geografia... Na economia, a depressão económica inicia-se quando muitas empresas começam a entrar em falência, a taxa de desemprego aumenta a um nível acelerado e os níveis de produção e investimento são baixos (Economias, 2016).

Em termos geográficos, ‘depressão’ é um abaixamento de nível, uma zona mais baixa do que o que está à sua volta, como uma zona entre montanhas ou uma cova. Forma-se por processos de erosão e intemperismo (ação dos ventos e da água). Nestas zonas pode dar-se a acumulação de sedimentos e a formação de lagos.

A descrição destes outros sentidos em que a palavra ‘depressão’ é utilizada, é aqui trazida somente para a ilustrar e denotar como esta, mesmo em diferentes contextos, descreve algo semelhante. Um “abaixamento de nível”, uma redução do ‘produto interno bruto’, do investimento, uma cova, um buraco... Em termos psicanalíticos podemos falar da perda do amor do objeto (Coimbra de Matos, 2001), que deixou no seu lugar um desnivelamento, um empobrecimento, a forma de um ninho vazio de afetos. Segundo Coimbra de Matos (2002, cit. por Campos, 2009), a depressão é expressa por uma *“baixa de pressão anímica, pelo que o sentimento central na depressão seria o abatimento, a queda da energia psíquica, ou energia vital, a energia”* (p. 39). Isto acontece porque o sujeito não se sentiu amado (Coimbra de Matos, 2001 cit. por Campos, 2009). A depressão é uma reação à perda, ou aquilo que foi sentido como sendo uma perda (Campos, 2009) devido à retirada afetiva por parte do objeto significativo (Coimbra de Matos, 2001). E nas sociedades tem-se registado um empobrecimento afetivo na vida relacional das pessoas... (Coimbra de Matos, 2002 cit. por Campos 2009).

Expomos de seguida uma figura e uma pequena parte do texto que lhe está associada, retirada do livro de Saint-Exupéry (2015) “O Príncipezinho”, com um sentido pictórico, e pela graça e beleza, para representar de uma forma simbólica a temática da personalidade depressiva abordada na presente dissertação.



1. Legenda: virado ao contrário, o chapéu, ou melhor dizendo, a jiboia a digerir um elefante, que o Príncipezinho desenhou, é um bom exemplo gráfico de uma depressão/desnívelamento.

“As pessoas grandes responderam: ‘Como é que um chapéu pode meter medo?’

O meu desenho não era um chapéu. O meu desenho era uma jiboia a digerir um elefante. Para as pessoas grandes conseguirem perceber, porque as pessoas grandes estão sempre a precisar de explicações, fui desenhar a parte de dentro da jiboia. O meu desenho número 2 ficou assim...

As pessoas grandes disseram que era melhor eu deixar-me de jiboias abertas e jiboias fechadas e dedicar-me antes à geografia, à história, à matemática e à gramática. Foi assim que, aos seis anos, me vi forçado a desistir de uma magnífica carreira de pintor. Os sucessivos insucessos do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2 fizeram-me desanimar. As pessoas grandes nunca percebem nada sozinhas e uma criança acaba por se cansar de ter que estar sempre a explicar-lhes tudo.” (Antoine de Saint-Exupéry)

A Organização Mundial de Saúde [OMS], (2017) estima que atualmente, mais de 300 milhões de pessoas no mundo vivam com depressão e que este número terá a tendência para continuar a aumentar. Segundo a OMS (2017) esta é a maior causa de doença e incapacidade em todo o mundo. Por esta razão, o estudo desta doença e da sua relação com a sociedade é impreterível.

## 1.2 A Depressão e os Fatores Sociodemográficos

A literatura tem mostrado, em inúmeros estudos, a existência de relações significativas entre depressão e os fatores sociodemográficos (Akhtar-Danesh & Landeen, 2007).

Hoje em dia, dos vários estudos feitos sobre o tema, já se tem uma ideia generalizada sobre quais os fatores sociodemográficos que mais estão correlacionados com a incidência de depressão. Vários estudos revelam as seguintes tendências gerais da influência das variáveis sociodemográficas sobre a depressão:

- Sexo: As mulheres têm maior tendência à depressão do que os homens (Akhtar-Danesh & Landeen, 2007).

- Idade: denota-se uma relação negativa entre idade e depressão, ou seja, quanto mais idade, menores os índices de depressão (Akhtar-Danesh & Landeen, 2007). Segundo outros autores, a maior prevalência de depressão está em jovens adultos e a menor está nos indivíduos de idades superiores a 75 anos (Akhtar-Danesh & Landeen, 2007). Adicionalmente, outros textos sugerem ainda que as diferenças encontradas relativamente aos outros fatores sociodemográficos têm a tendência a reduzir e a perder a significância estatística com o avançar da idade (Streiner, Cairney, Veldhuizen, 2006).

- Residência Urbana/Rural: as evidências mostram que o risco de depressão é maior para os residentes de áreas urbanas do que para os residentes de áreas rurais (Memarianfard, 2016; Zimmerman, 2013). Resultados semelhantes verificaram-se noutro estudo europeu (Bélgica, França, Alemanha, Itália, Holanda e Espanha), ou seja, os meios urbanos parecem estar ligados a maior risco de distúrbios mentais, nomeadamente, distúrbios depressivos (Kovess-Masféty, Alonso & Graaf, 2005). Outro estudo constata que isto se deve ao facto de os indivíduos que vivem em áreas rurais demonstrarem um maior sentido de pertença à comunidade e que este facto parece ser responsável pelo risco reduzido de desenvolver um quadro depressivo (Romans, Cohen & Forte, 2011).

- Nível de Escolaridade: alguns artigos sugerem que os sujeitos com um grau de ensino mais baixo têm menor prevalência de depressão do que os indivíduos com grau de ensinos altos (Akhtar-Danesh & Landeen, 2007; Epstein, Barker & Kroutil, 2001, cit. por Levin-Aspenson & Watson, 2018). Já outros estudos referem que indivíduos com níveis de ensino mais elevados têm menores níveis de depressão (e.g., Blazer et al., 1994 cit. por Levin-Aspenson & Watson, 2018). Parece difícil concluir qual será a prevalência da tendência depressiva entre estes dois grupos (Levin-Aspenson & Watson, 2018).

- Situação Laboral: Muitos estudos revelam que há uma forte ligação entre o desemprego e a saúde mental (Zuelke, et. al., 2018). Há estudos que evidenciam resultados estatisticamente significativos para o risco elevado de depressão somente para sujeitos desempregados a receber subsídios do estado (situação esta que implica que o seu nível financeiro esteja abaixo de um certo nível) (Zuelke, et. al., 2018). Outro estudo demonstra que

períodos mais extensos de desemprego predizem níveis mais elevados de sintomas depressivos entre a população de jovens adultos (Mossakowski, 2009). Contudo, a relação de causalidade com a depressão é difícil de extrapolar, e o impacto negativo do desemprego no risco de depressão não pode ser explicado somente pelas diferenças nos recursos materiais e sociais (Zuelke, et. al., 2018). Dooley, Prause e Bottom (2000) concluíram que tanto o desemprego como o trabalho desadequado podem afetar a saúde mental.

- Situação Económica: um nível de rendimento baixo está associado a um maior índice de depressão e, pelo contrário, um nível de rendimento mais elevado está diretamente associado a um índice de depressão menor (Akhtar-Danesh & Landeen, 2007).

- Estado Civil: os sujeitos casados têm menor prevalência de depressão, ao contrário dos sujeitos divorciados/separados (Akhtar-Danesh & Landeen, 2007).

- Crenças e Práticas Religiosas: múltiplos estudos têm vindo a examinar a relação entre o envolvimento religioso e a depressão. Muitas destas investigações revelam uma correlação negativa entre os dois constructos, muitos outros demonstram ora nenhuma associação ora uma correlação positiva entre estes (Paine & Sandage, 2017). É uma correlação cujas conclusões não são estáveis.

Um outro estudo demonstra que os fatores mais associados com um elevado nível de depressão são: sexo feminino, idades mais jovens, não ser casado, etnia branca, níveis de educação mais elevados, desemprego... (Romans, Cohen & Forte, 2011). Também se constatou que participantes com um sentido forte de pertença à comunidade e com maior suporte social demonstraram níveis de depressão mais baixos (Romans, Cohen & Forte, 2011).

### **1.3 A Personalidade Depressiva**

O conceito de personalidade depressiva, desde há várias décadas que apareceu na linguagem psicoterapêutica, sofrendo diferentes formas e evoluções, até chegar ao conceito atual de personalidade depressiva ou perturbação depressiva da personalidade (Campos, 2009).

Klein et al (1993, cit. por Campos, 2009) referem que “a noção de personalidade depressiva representa a encruzilhada entre a depressão e a personalidade porque os dois conceitos se fundem num só”.

Embora seja evidente, na literatura, de que este é, ainda hoje, um conceito que dá muito que ‘falar’, e que o seu ‘lugar’ ainda não é estável nem detentor de concordância entre os demais da área (Ryder, Bagby, Marshall, & Costa, 2005), este não deixa de ser um conceito que é considerado, reconhecido e muito utilizado, sobretudo na psicanálise (Campos, 2009). As razões que subjazem a esta instabilidade na posição do conceito entre as outras perturbações da

personalidade prendem-se sobretudo com a sua difícil distinção de uma outra perturbação que é a distímia, pela sobreposição dos sintomas que estão associados a ambas (Kessel & Klein, 2016; Ryder, Bagby, Marshall, & Costa, 2005). Todavia, segundo diversas descrições teóricas, a maioria proveniente de autores psicodinâmicos, mais recentemente da escola cognitivista, bem como do modelo médico, parecem apoiar o constructo de perturbação depressiva da personalidade, sendo que a maior parte dos dados sugere que é uma entidade diagnóstica válida (Huprich, 1998, cit. por Campos, 2009; Huprich, Porcerelli, Keaschuk, Binienda & Engle, 2008; Bagby, Watson, & Ryder, 2013).

Ao contrário de perturbações depressivas persistentes, a personalidade depressiva é conceptualizada em termos de traços de personalidade que são evidentes, o mais tardar, no início da idade adulta, e não como um conjunto de sintomas que podem surgir em qualquer idade, além de que segundo os mesmos autores, não implica necessariamente um humor depressivo persistente (Kessel & Klein, 2016).

Segundo Coimbra de Matos (2001) a personalidade depressiva tem na sua origem a organização deficiente do investimento narcísico, que gera uma situação permanente de depressão narcísica ou depressão de inferioridade. Segundo o autor, o depressivo é alguém que experiencia continuamente sentimentos de frustração. Tendo dentro de si grandes ambições e uma enorme avidez, é confrontado paralelamente com sentimentos de grande insatisfação constante, pelo reconhecimento da impossibilidade de concretização dos seus desejos.

Se na depressão o sentimento nuclear é de perda, na depressividade o sentimento é o de frustração - o reconhecimento da impossibilidade de concretização de um desejo, de uma fantasia, o reconhecimento da limitação imposta pela realidade - reconhecimento este que é mal-aceite, não elaborado, não “digerido” (Coimbra de Matos, 2001). É desta permanente distância entre si e o que deseja de si/para si, que resulta o ‘saldo negativo’ que dá origem à depressividade.

Por detrás do desejo e da fantasia do depressivo, estaria um hiperinvestimento e hiperestimulação pelo objeto - ele mesmo narcísico, insatisfeito, frustrado (é a mãe narcísica-narcizante). São mães com profundos sentimentos de castração, insatisfeitas e frustradas que investem compensatoriamente no filho. Tanto hiperestimulam e são hipersolícitas, como também hiperdesejantes e hiperexigentes com a retribuição afetiva do filho. Este, por não ter como retribuir por incapacidade e imaturidade, é exposto a uma relação contraditória de hiperestimulação/hiperfrustração, em que, ao frustrar a mãe, esta reage imediatamente frustrando o filho. Organiza-se secundariamente uma relação do estilo sadomasoquista e

culpabilizante e posteriormente, ao nível fálico e edipiano, forma-se uma autoimagem sexual de inferioridade (Coimbra de Matos, 2001).

O sentimento de falha e o medo de falhar, o sentimento de incapacidade, são sentimentos dos mais característicos nas pessoas depressivas; sentimentos não só ligados com o defeito do Eu, como também com a exigência do Ideal do Eu. A depressão, neste caso, poderá dizer-se ser o efeito da paralisia do Eu, pelo facto de que o Eu se descobre incapaz de fazer face ao perigo (Coimbra de Matos, 2001).

Kraepelin (1921, cit. por Kessel & Klein, 2016), já nos primórdios do conceito, identificou um conjunto de traços característicos de um “temperamento depressivo”: falta de ânimo, desalento, insegurança, propensão a culpa, ruminação, indecisão, ansiedade, quietude e timidez, falta de vitalidade e iniciativa. O autor postulou que estes traços eram de natureza constitucional, surgiam cedo, eram estáveis e constituíam a *forme fruste*, ou os antecedentes iniciais da doença depressiva major (Kraepelin 1921, cit. por Kessel & Klein, 2016). Os principais estados depressivos emergiram como um subproduto das dificuldades e decepções na vida que tais características propiciam, continuando a aumentar e diminuir com o tempo. No seu extremo, todavia, estes traços podem ser perpetuamente mórbidos sem o aparecimento de episódios mais severos e limitados.

Kernberg (1984, cit. por Kessel & Klein, 2016), o teórico psicanalista contemporâneo desta área, propôs há uns anos um constructo mais amplo que incluía na personalidade depressiva os traços masoquistas e os dependentes. As características desta personalidade seriam um superego excessivamente severo que impunha níveis de desempenho irrealistas e a tendência para ser excessivamente dependente, tornando-se suscetível a episódios depressivos quando confrontado com falhas na realização dos seus objectivos, ou perda do amor (Kernberg 1984, cit. por Kessel & Klein, 2016).

Coimbra de Matos (2001, cit. por Campos, 2009) distingue os principais traços que definem a personalidade depressiva como sendo: a baixa autoestima, culpabilidade, superego severo, vulnerabilidade à perda, tendência à adinamia e idealização do passado.

Esta perturbação chegou a constar no DSM-IV, no anexo B, como perturbação depressiva da personalidade, embora hoje em dia, na versão mais recente - o DSM-V- tenha sido retirada devido à sobreposição conceptual com outras perturbações, sobretudo com a distímia, tendo sido assim incorporada numa nova categoria que inclui várias formas de depressão crónica chamadas *perturbações depressivas persistentes* (Kessel & Klein, 2016). Não obstante, por ser bastante pictórica e exemplificativa, expomos a descrição do antigo DSM-IV sobre esta perturbação, transcrita do artigo de Kessel e Klein (2016).



“Indivíduos com PDP, de acordo com esta perspectiva (do DSM-IV), exibem um padrão penetrante e duradouro de atributos cognitivos, afetivos e interpessoais, que estão aparentemente presentes na maioria dos aspetos das suas vidas. Eles tendem a levar tudo com muita seriedade e demonstram uma falta de capacidade para relaxar e se divertirem. Quando eles tentam passar um bom momento – o que para o depressivo pode ser sinónimo de ignorar obrigações- eles sentem-se tipicamente culpados e ‘não-merecedores’ (Kessel & Klein, 2016, p. 309). Um pessimismo constante fá-los ser cinzentos e recear o futuro, pois eles estão certos de que será tão ‘cinzento’ quanto o passado e o presente. São atormentados por sentimentos generalizados de autodesprezo, inadequação, falta de valor, e remorsos e arrependimento excessivos, acreditando ainda que os outros os vêem de igual forma. Os julgamentos negativos não são somente projetados para dentro: eles muitas vezes julgam e criticam também, de forma dura, membros da família e amigos (Kessel & Klein, 2016, p. 309).

O DSM-IV ainda acrescentava que estas características resultam muitas vezes em inadequação social e falta de interesse por parte dos outros, o que, para indivíduos com estes traços, pode significar um reforçar e exacerbar a sua visão mal adaptativa sobre si mesmos, os outros e o mundo (Kessel & Klein, 2016, p.309).

*“Mas não tenhamos ilusões, o que distingue uma depressão clínica dos sintomas depressivos ditos normais, que podem ocorrer em todos nós em momentos de maior dificuldade não são aspetos qualitativos, mas de grau. Não podemos dizer, pois, que ali estão os depressivos, e aqui nós, e que há, portanto, uma fronteira bem delimitada entre a depressão e a não depressão, entre a psicopatologia e a personalidade dita normal.”* (Campos, 2009, p. 42).

Campos (2009) defende aqui a continuidade do fenómeno depressivo, apontado para a ideia de que não há diferenças qualitativas entre a personalidade e o estado depressivo propriamente dito. Esta será a teoria base sobre a qual construiu o instrumento de traços depressivos que iremos utilizar na presente investigação.

#### **1.4 Personalidade Depressiva, Depressão e a influência das Variáveis Sociodemográficas**

A partir do estudo de Klein e Vocisano (1999, cit. por Campos, 2009) – que referem que muito do trabalho empírico e teórico sobre depressão, enquanto categoria sintomática, do eixo I, tipo estado, é consonante com a literatura clínica sobre a personalidade depressiva- Campos (2009) levanta a seguinte questão: “Há realmente alguma diferença entre os dois constructos?” (p. 57). E o autor ainda acrescenta em resposta que “Do ponto de vista do

funcionamento intrapsíquico provavelmente não. Por isso é que, por exemplo, quando autores da escola psicanalítica teorizam sobre depressão, estão também a teorizar sobre a personalidade depressiva, no fundo, sobre as características internas dos sujeitos que se deprimem, seja recorrentemente, seja cronicamente.” (p.57).

Coimbra de Matos (2001) considera que a personalidade depressiva, a depressão ou estado depressivo constituem, no seu conjunto, a doença depressiva.

Esta ideia, para a presente investigação é de grande relevância, pois o possível paralelismo entre a depressão e a personalidade depressiva, leva-nos a colocar a hipótese de que a influência dos fatores sociodemográficos sobre a depressão pode ser a mesma para com a personalidade depressiva.

Por outro lado, outro estudo mostrou que poucas diferenças foram encontradas entre pessoas com e sem Perturbação Depressiva da Personalidade, no que consta à idade, sexo, raça, estado civil, educação e nível socioeconómico (Bagby, Watson, & Ryder, 2013) o que parece contradizer a hipótese acima colocada.

## **Capítulo 2 - Objetivos e Hipóteses**

O objetivo geral desta investigação é explorar a relação entre a personalidade depressiva e as variáveis sociodemográficas. Tendo por base a vasta informação da relação das variáveis sociodemográficas com a depressão, e dado o pressuposto teórico de que a depressão e a personalidade depressiva estão intimamente ligadas (Coimbra de Matos, 2001; Campos, 2009), pretendemos também partir da vasta informação existente sobre as variáveis sociodemográficas e a depressão, como base orientadora para as nossas hipóteses de estudo sobre a relação dessas mesmas variáveis com a personalidade depressiva. Propomo-nos a tal, dada a importância que este conhecimento poderá ter para futuras investigações e até na tomada de medidas possíveis de tomar - a nível social, e até a nível terapêutico - tendo em conta este conhecimento.

Para tal, com base na revisão de literatura mencionada anteriormente, colocamos as seguintes hipóteses:

1. Espera-se encontrar semelhanças entre a influência das variáveis sociodemográficas sobre a depressão e a influência das variáveis sociodemográficas sobre a personalidade depressiva. Mais especificamente:

1.1. Sexo: Uma vez que as mulheres se deprimem mais do que os homens (Akhtar-Danesh & Landeen, 2007), espera-se que as mulheres tenham uma maior preponderância de personalidade depressiva do que os homens.

1.2. Idade: Uma vez que indivíduos de idades mais jovens apresentam níveis mais elevados de depressão (Akhtar-Danesh & Landeen, 2007), espera-se encontrar uma maior prevalência de traços depressivos de personalidade entre indivíduos de idades mais jovens, comparativamente a indivíduos de idades mais avançadas.

1.3. Residência Urbana/Rural: Uma vez que residentes de áreas rurais têm menor risco de depressão (Memarianfard, 2016; Zimmerman, 2013), espera-se encontrar uma maior prevalência de traços de personalidade depressiva entre residentes da área urbana, comparativamente aos residentes da área rural.

1.4. Situação Laboral: Uma vez que indivíduos empregados têm menor tendência a ter depressão (Romans, Cohen & Forte, 2011; Zuelke, et. al., 2018), espera-se que os indivíduos empregados apresentem níveis mais baixos de personalidade depressiva, comparativamente aos que não estão empregados.

1.5. Situação Económica: Uma vez que indivíduos com um rendimento mais elevado apresentam menores níveis de depressão do que indivíduos com rendimentos mais baixos (Akhtar-Danesh & Landeen, 2007), espera-se que os indivíduos com uma situação económica mais satisfatória tenham menores índices de personalidade depressiva comparativamente aos indivíduos com uma situação económica pouco ou nada satisfatória.

1.6. Estado Civil: Uma vez que indivíduos casados apresentam níveis mais baixos de depressão comparativamente a indivíduos de outros estados civis, espera-se que indivíduos casados apresentem menores índices de personalidade depressiva.

Para as variáveis “Nível de Escolaridade” e “Crenças e Práticas Religiosas”, uma vez que a literatura é ambígua relativamente à influência destas variáveis sobre a depressão, iremos apenas fazer uma análise exploratória da sua relação com a personalidade depressiva.

## **Capítulo 3 - Metodologia**

### **3.1. Caracterização da Amostra**

A amostra do presente estudo é composta por 338 participantes da população geral adulta, cujas idades estão compreendidas entre os 18 anos e os 83 anos ( $M = 41.07$ ;  $DP = 13.56$  anos), da qual 132 indivíduos são do sexo masculino (39,1%) e 206 são do sexo feminino (60,9%). Relativamente à nacionalidade, 333 sujeitos (98,5%) são de nacionalidade portuguesa e 5 sujeitos (1,5%) pertencem a outras nacionalidades.

A caracterização sociodemográfica da amostra apresenta-se no Quadro 1.

## Quadro 1

### *Caracterização Sociodemográfica da Amostra*

Variáveis		<i>n</i>	%	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Me</i>	<i>Mo</i>	<i>Min.</i>	<i>Máx.</i>
Sexo	Masculino	132	39.1						
	Feminino	206	60.9						
Idade				41.07	15.36	40	37	18	83
Residência	Urbana	307	90.8						
	Rural	19	5.6						
Nível de Ensino	< 4º ano	7	2.1	-	-	-	-	-	-
	4º ano	5	1.5	-	-	-	-	-	-
	6º ano	16	4.7						
	9º ano	52	15.4						
	12º ano	96	28.4						
	Licenciatura ou mais	162	47.9						
Estado Civil	Solteiro	104	30.8						
	Casado/vivendo como tal	197	58.3						
	Viúvo	6	1.8						
	Divorciado/separado	30	8.9						
Crenças/Práticas Religiosas	Católico Praticante	64	18.9						
	Católico não praticante	185	54.7						
	Outra Religião	9	2.7						
	Sem Religião	78	23.1						
Situação Laboral	Empregado	262	77.5						
	Desempregado	26	7.7						
	Reformado	18	5.3						
	Doméstica(o)	3	0.9						
	Estudante	29	8.6						
Situação Económica	Muito Satisfatória	12	3.6						
	Satisfatória	216	63.9						
	Pouco Satisfatória	92	27.2						
	Nada Satisfatória	17	5.0						

*Nota: n=338*

## 3.2. Instrumentos

### 3.2.1. Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico é o primeiro do grupo de questionários aplicados nesta investigação, e foi elaborado com o intuito de recolher informação sociodemográfica e psicossocial dos participantes. Este sistematiza muita informação relevante, o que nos permite

aceder a características fundamentais dos sujeitos e assim caracterizar os indivíduos presentes na amostra, com os seguintes dados: o género, a idade, a nacionalidade, o tipo de área de residência, o estado civil, o nível de ensino, a situação laboral e a profissão e situação económica. Foram recolhidos ainda indicadores relativos ao agregado familiar, frequência e satisfação com as relações familiares e de amizade, crenças e práticas religiosas, assim como relativamente à presença de diagnóstico de doença, avaliação subjetiva do estado de saúde e vivência de situação ou acontecimento de vida traumático.

Este questionário embora se aplique na grande maioria dos estudos (com mais ou menos informação), é de extrema relevância para a presente investigação, pois os dados sociodemográficos da amostra são, no seu conjunto, uma das variáveis estudadas na mesma.

### **3.2.2. Inventário Traços Depressivos – ITD**

O ITD – Inventário de Traços Depressivos – foi um inventário desenvolvido por Campos (2009) com vista a operacionalizar a dimensão depressiva da personalidade, ou seja, a identificar traços ou características depressivas estáveis da personalidade que podem constituir uma vulnerabilidade a estados depressivos sintomáticos.

É um instrumento composto por 41 itens, com uma escala de resposta tipo Likert de cinco pontos, correspondendo o 1 a *discordo fortemente* e o 5 a *concordo fortemente*.

O resultado do ITD resulta da soma da pontuação obtida nos itens e varia entre 0 e 205 pontos. Quanto mais elevado o resultado, mais marcada será a dimensão depressiva da personalidade.

Para poder operacionalizar o constructo de dimensão depressiva da personalidade, o autor partiu do pressuposto teórico que diz que “um sintoma depressivo pode ser visto como um traço, na medida em que seja crónico, vivido como uma experiência habitual”. (Campos, 2009).

Este pressuposto veio mais tarde a ser suportado devido à distribuição de resultados do ITD se ter aproximado da curva normal, o que reforçou a hipótese de que estamos perante um constructo - dimensão depressiva da personalidade- tipo traço, uma dimensão na qual a maioria dos sujeitos apresenta resultados intermédios. Além disso, o valor elevado e significativo da correlação teste-reteste aponta no sentido desta dimensão da personalidade ser composta por características estáveis, o que permite extrair o significado de que se está justamente a falar de traços de personalidade (Campos, 2009).

Os 5 factores que foram obtidos no final e que são considerados no instrumento são: *depressão essencial, depressão inibida, depressão de fracasso, depressão perfeccionista e*

*depressão relacional* (Campos, 2015).

Foram obtidos valores muito elevados de alfa de Cronbach elevados (.97 na amostra normal e .95 na amostra clínica). Estes resultados apoiam a consistência interna do instrumento e mostram que apesar do inventário medir diversas ‘facetas’ da personalidade depressiva, todos os itens parecem contribuir para medir o constructo geral (Campos, 2009).

Entre outros resultados, os valores de correlação elevados e significativos obtidos entre o ITD e o DPDI (Inventário de Perturbação Depressiva da Personalidade), bem como o padrão de correlações obtido entre o ITD e o MCMI-II (Inventário Multiaxial Clínico de Millon II) suportam a validade do ITD (Campos, 2009).

Apesar da correlação parcial do DPDI com o ITD, os autores referem que os instrumentos, apesar de poderem parecer redundantes, não medem em rigor a mesma coisa (Campos, 2009). Além de que escalas muito correlacionadas podem sempre fornecer informações diferentes e úteis do ponto de vista clínico (Millon, 1996, cit. por Campos, 2009).

O que este inventário nos permite é medir a depressão enquanto traço, ou melhor, enquanto dimensão da personalidade composta por diferentes tipos de traços estáveis, que se comportam como uma dimensão, um contínuo, em que é possível encontrar todas as variações, como acontece com outras dimensões psicológicas (Campos, 2009). Falamos aqui da personalidade depressiva.

Uma pontuação alta no ITD, pode evidenciar uma personalidade depressiva- um indivíduo que é vulnerável a momentos de depressão-, mas também pode evidenciar uma depressão crónica. Se o indivíduo tiver uma depressão do tipo crónica, os resultados do BDI-II (Inventário de Depressão de Beck-II), um instrumento que mede o estado depressivo atual do indivíduo, também serão elevados (Campos, 2009).

### **3.3. Procedimento**

O presente estudo está integrado numa investigação maior, no âmbito do estudo da personalidade e da psicopatologia, realizada pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

O método de seleção da amostra foi não-probabilística, realizado através do método Bola de Neve, o que significa que foi feita a partir da esfera relacional dos alunos investigadores. A recolha teve como população-alvo a população normal de adultos (idades iguais ou superiores a 18 anos), de ambos os sexos, e decorreu entre Maio e Junho de 2017.

Foi entregue a cada um dos participantes o consentimento informado e um protocolo formado por um questionário sociodemográfico e questionários de autorrelato específicos

relativos a nove instrumentos de avaliação psicológica, onde se incluiu o inventário utilizado no presente estudo – o ITD.

Concluída a formalização da participação dada a leitura e assinatura do consentimento informado, era pedido ao participante que preenchesse os questionários de acordo com a sua disponibilidade e os devolvesse numa data combinada com o investigador. Para garantir a confidencialidade dos participantes, foi atribuído a cada um, um número de ordem.

### **3.4. Análise Estatística**

O tratamento estatístico dos dados recolhidos foi realizado através do *IBM Software Statistical Package for the Social Sciences*(SPSS), na versão 25.

Foram efetuadas as análises de confiabilidade dos instrumentos através do cálculo dos coeficientes de consistência interna alfa de *Cronbach*. Para caracterizar os dados sociodemográficos da amostra, foi utilizada a estatística descritiva, nomeadamente cálculos de frequências, percentagens, médias e desvio-padrão. Para comparar grupos relativamente à escala total dos instrumentos foi utilizada a estatística de teste-*t* para amostras independentes. Já para comparar grupos relativamente às escalas fatoriais dos instrumentos foi utilizada a análise de variância *ANOVA* a um fator. Com o intuito de obter uma medida do grau de correlação entre variáveis recorreu-se ao coeficiente de correlação de *Pearson*.

De acordo com o tamanho da amostra ( $N > 50$ ), foi assumida a distribuição normal dos dados e considerada adequada a utilização de técnicas de estatística paramétrica para a análise dos mesmos.

Consideram-se estatisticamente significativos os efeitos para  $p\text{-values} \leq 0.05$ .

## **Capítulo 4 - Resultados**

A descrição dos resultados que se segue vai de encontro à questão exploratória base deste estudo e às hipóteses posteriormente formuladas.

1. Espera-se encontrar semelhanças entre a influência das variáveis sociodemográficas sobre a depressão e a influência das variáveis sociodemográficas sobre a personalidade depressiva. Mais especificamente:

1.1. Sexo: Uma vez que as mulheres se deprimem mais do que os homens (Akhtar-Danesh & Landeen, 2007), espera-se que as mulheres tenham uma maior preponderância de personalidade depressiva do que os homens.

Para analisar a relação entre a variável sociodemográfica “Sexo” e a Personalidade Depressiva, recorreu-se ao cálculo do coeficiente de correlação de *Pearson*. O resultado obtido indicou que a correlação entre estas duas variáveis não é significativa ( $r = .00$ ;  $p\text{-value} = .957$ ), ao nível de significância 0.05, ao contrário do esperado. A fim de averiguar se este foi um resultado fidedigno aplicamos o *teste-t* de igualdade de médias (Consultar Quadro 2) e os resultados não evidenciaram nenhuma correlação significativa entre o ITD e os participantes serem do sexo masculino ou do sexo feminino ( $r = -.05$ ;  $p\text{-value} = .957$ ) ao nível de significância .05. Estes resultados parecem a uma primeira leitura não ir ao encontro da hipótese formulada.

No Quadro 2 são apresentados os resultados do *teste-t* de igualdade de médias da variável “Sexo” face aos resultados obtidos no ITD.

**Quadro 2**

*Comparação entre participantes do sexo masculino e participantes do sexo feminino e a pontuação total obtida na escala ITD através do teste-t para Igualdade de Médias*

	Sexo	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>Sig.</i>
ITD	Masculino	132	95.15	27.40		
	Feminino	206	95.32	26.80	-.05	.957*

\*. A correlação não é significativa no nível 0.05

1.2. Idade: Uma vez que indivíduos de idades mais jovens apresentam níveis mais elevados de depressão (Akhtar-Danesh & Landeen, 2007), espera-se encontrar uma maior prevalência de traços depressivos de personalidade entre indivíduos de idades mais jovens, comparativamente a indivíduos de idades mais avançadas.

Através do cálculo do coeficiente de correlação de *Pearson*, encontramos uma correlação negativa estatisticamente significativa entre a variável idade e a variável personalidade depressiva ( $r = -.10$ ;  $p\text{-value} = .019$ ) ao nível de significância 0.05. Este resultado vai ao encontro da hipótese colocada inicialmente e evidencia que quanto mais idade, menor a incidência de traços depressivos de personalidade.

1.3. Residência Urbana/Rural: Uma vez que residentes de áreas rurais têm menor risco de depressão (Memarianfard, 2016; Zimmerman, 2013), espera-se encontrar uma maior prevalência de traços de personalidade depressiva entre residentes da área urbana, comparativamente aos residentes da área rural.

Para testar esta hipótese, recorreu-se ao teste-t para igualdade de médias (Consultar Quadro 3) e verificou-se que a relação entre as variáveis residência e personalidade depressiva, não é estatisticamente significativa,  $t(326) = .26$ ;  $p\text{-value} = .797$ , ao nível de significância 0.05.



De ressaltar que o número de residentes em áreas urbanas foi muito superior ( $n=307$ ) ao número de residentes em áreas rurais ( $n=19$ ) para um total de 338 sujeitos.

No Quadro 3 são apresentados os resultados do *teste-t* de igualdade de médias para a variável “Residência” face aos resultados obtidos no ITD.

**Quadro 3**

*Comparação entre participantes que residem na área Urbana e na área Rural e a pontuação total obtida na escala ITD através do teste-t para Igualdade de Médias*

	Residência	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>Sig.</i>
ITD	Urbana	307	95.54	27.26		
	Rural	19	93.89	23.14	.26	.797*

\*. A correlação não é significativa no nível 0,05

1.4. Situação Laboral: Uma vez que indivíduos empregados têm menor tendência a ter depressão (Romans, Cohen & Forte, 2011; Zuelke, et. al., 2018), espera-se que os indivíduos empregados apresentem níveis mais baixos de personalidade depressiva, comparativamente aos que não estão empregados.

Tendo em conta que a dimensão da amostra do grupo “donas de casa” ( $n=3$ ) era bastante reduzida, decidimos agrupá-la ao grupo “reformados”, dado que a média de idades das 3 donas de casa foi de 63 anos.

Para testar esta hipótese recorreu-se à análise de variância a um fator - ANOVA. O resultado obtido foi estatisticamente significativo, ao nível de significância 0.05 [ $F(3, 334)=2.80$ ;  $p\text{-value}=.040$ ] (Consultar Quadro 4). Para uma análise mais detalhada deste resultado realizamos posteriormente um teste de comparações múltiplas (Post Hoc – Tukey HSD), e não se observou nenhuma diferença estatisticamente significativa entre todas as variáveis.

Face a este resultado resolveu-se observar mais detalhadamente a relação entre o grupo “empregados” ( $M=93.03$ ;  $DP=26.80$ ) e o grupo “desempregados” ( $M=103.65$ ;  $DP=27.90$ ) a fim de verificar se a diferença estatisticamente significativa encontrada derivou da comparação entre estas duas variáveis. Recorreu-se ao teste-t para igualdade de médias e obteve-se um resultado a tender para a significância  $t(288) = -1.92$ ;  $p\text{-value}=.056$  ao nível de significância 0.05.

Uma vez que existia uma desigualdade bastante considerável entre a dimensão da amostra para cada um dos grupos, sendo o número de empregados mais de metade da amostra, decidiu-se averiguar a diferença entre o grupo “empregados” ( $n=262$ ) e todos os outros restantes grupos agrupados ( $n=76$ ). Realizado um novo teste-t para igualdade de médias, verificou-se que as diferenças nos valores médios de pontuação obtidos na escala ITD (total) em comparação

com a média de indivíduos empregados 93.03 ( $DP = 26.80$ ) e todos os restantes grupos 102.89 ( $DP = 26.45$ ), foi significativa,  $t(338) = 2.83$ ;  $p\text{-value} = .005$  ao nível de significância 0.05. Este resultado parece indicar que os indivíduos que têm um emprego revelam uma menor predisposição para manifestar traços de personalidade depressiva.

No Quadro 4 são apresentados os resultados da análise de variância (ANOVA) para a variável “Situação Laboral” face aos resultados obtidos no ITD.

**Quadro 4**

*Resultados da Análise de Variância (ANOVA) sobre o efeito da variável “situação laboral” face aos resultados obtidos no teste que mede os traços depressivos de personalidade*

Fonte de Variabilidade	<i>df</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
Entre grupos	3	2.80	.040*
Intra grupos	334		
Total	337		

\*. A análise é significativa no nível 0.05

1.5. Situação Económica: Uma vez que indivíduos com um rendimento mais elevado apresentam menores níveis de depressão do que indivíduos com rendimentos mais baixos (Akhtar-Danesh & Landeen, 2007), espera-se que os indivíduos com uma situação económica mais satisfatória tenham menores índices de personalidade depressiva comparativamente aos indivíduos com uma situação económica pouco ou nada satisfatória.

Para avaliar a veracidade da hipótese colocada, recorreu-se novamente à análise de variância a um fator – ANOVA a um fator. O resultado obtido foi estatisticamente significativo, ao nível de significância 0.05 [ $F(3, 333) = 5.63$ ;  $p\text{-value} = .001$ ] (Consultar Quadro 5).

Decidimos realizar um teste de comparações múltiplas *Post-Hoc*, e observamos que as desigualdades mais significativas eram para as diferenças entre o grupo “Satisfatória” e o grupo “Pouco Satisfatória” ( $p\text{-value} = .005$ ) ao nível de significância 0.05, e o grupo “Satisfatória” e “Nada Satisfatória” ( $p\text{-value} = .037$ ) ao nível de significância 0.05 [(“Satisfatória”,  $M = 91.10$ ;  $DP = 25.86$ ; 95%  $CI = 87.63, 94.57$ ); (“Muito Satisfatória”,  $M = 101.50$ ;  $DP = 47.05$ ; 95%  $CI = 71.61, 131.39$ ); (“Pouco Satisfatória”,  $M = 102.13$ ;  $DP = 24.65$ ; 95%  $CI = 97.02, 107.24$ ); (“Nada Satisfatória”,  $M = 109.00$ ;  $DP = 22.98$ ; 95%  $CI = 97.19, 120.81$ )].

Dado que os grupos “Satisfatória” e “Pouco Satisfatória” constituíam o maior número de indivíduos ( $n = 216$  e  $n = 92$  respetivamente) comparativamente com os outros dois grupos, decidimos agrupar algumas variáveis. Agrupamos a variável “Muito Satisfatória” ( $n = 12$ ) com a variável “Satisfatória” ( $n = 216$ ) e a variável “Nada Satisfatória” ( $n = 17$ ) com “Pouco Satisfatória” ( $n = 96$ ) e realizamos um teste-*t* para igualdade de médias de modo a comparar estes

dois grupos. Encontrou-se uma significância estatística alta entre participantes satisfeitos/muito satisfeitos ( $n=228$ ;  $M=91.64$ ;  $DP=27.31$ ) e participantes pouco/nada satisfeitos ( $n=109$ ;  $M=103.20$ ;  $DP=24.43$ ) com a sua situação económica ao nível de significância 0.05,  $t(337) = -3.76$ ;  $p\text{-value} = .000$ ]. Face aos resultados obtidos parece que os indivíduos que estão satisfeitos ou muito satisfeitos com a sua situação económica apresentam menores índices de personalidade depressiva, comparativamente aos indivíduos com uma situação económica menos satisfatória.

No Quadro 5 são apresentados os resultados da análise de variância (ANOVA) para a variável “Situação Económica” face aos resultados obtidos no ITD.

**Quadro 5**

*Resultados da Análise de Variância (ANOVA) sobre o efeito da variável “situação económica” face aos resultados obtidos no teste que mede os traços depressivos de personalidade*

Fonte de Variabilidade	<i>df</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
Entre grupos	3	5.63	.001*
Intra grupos	333		
Total	336		

\*, A análise é significativa no nível 0.05

1.6. Estado Civil: Uma vez que indivíduos casados apresentam níveis mais baixos de depressão comparativamente a indivíduos de outros estados civis, espera-se que indivíduos casados apresentem menores índices de personalidade depressiva.

Para a análise desta hipótese recorreu-se novamente à análise de variância a um fator – ANOVA a um fator. O resultado obtido através da comparação entre as variáveis não foi estatisticamente significativo, ao nível de significância 0.05 [ $F(3, 333) = 2.45$ ;  $p\text{-value} = .063$ ].

O teste de comparações múltiplas Post-Hoc (“Tukey HSD”) indicou que a pontuação média para o grupo “Casado ou vivendo como tal” ( $M = 92.18$ ;  $DP = 25.15$ ; 95%  $CI = 88.65, 95.72$ ) face ao resultado total obtido no ITD foi mais baixa comparativamente aos restantes grupos [(“Solteiro”,  $M = 99.06$ ;  $DP = 29.98$ ; 95%  $CI = 93.23, 104.89$ ); (“Viúvo”,  $M = 111.50$ ;  $DP = 24.59$ ; 95%  $CI = 85.69, 137.31$ ); (“Divorciado/separado”,  $M = 98.73$ ;  $DP = 26.71$ ; 95%  $CI = 88.76, 108.71$ )] apesar deste não ter sido um resultado estatisticamente significativo.

Uma vez que um dos grupos, o grupo dos viúvos, tinha uma dimensão da amostra demasiado reduzida ( $n=6$ ) decidimos reagrupar algumas variáveis. Agrupamos as variáveis “viúvo; divorciado/separado e solteiro” e realizamos um teste- $t$  para igualdade de médias de modo a comparar o grupo de pessoas casadas ( $n = 197$ ;  $M = 92.18$ ;  $DP = 25.15$ ) com os restantes

estados civis ( $n=140$ ;  $M= 99.52$ ;  $DP= 29.03$ ). Encontrou-se uma significância estatística,  $t(337) = 2.41$ ;  $p\text{-value}= .016$  ao nível de significância 0.05.

Este resultado parece indicar que o estado civil “casado” pode funcionar como fator protetor contra a evidência de traços de personalidade depressiva.

Para a variável “Crenças e Práticas Religiosas”, realizamos uma análise de variância a um fator – ANOVA- cujos resultados evidenciaram não haver uma relação significativa entre esta variável e a personalidade depressiva, ao nível de significância 0.05 [ $F(3, 332)= 1.05$ ;  $p\text{-value}= .369$ ]. O teste de comparações Post-Hoc também não realçou nenhuma evidência em contrário [(“Católico praticante”,  $M= 92.34$ ;  $DP= 26.31$ ; 95%  $CI= 85.77, 98.92$ ); (“Católico não praticante”,  $M= 94.43$ ;  $DP= 27.77$ ; 95%  $CI= 90.40, 98.45$ ); (“Outra religião”,  $M= 99.79$ ;  $DP= 25.75$ ; 95%  $CI= 73.54, 113.13$ ); (“Sem religião”,  $M= 95.25$ ;  $DP= 25.91$ ; 95%  $CI= 93.95, 105.64$ )]. Dado que, de entre todos os grupos, o número de indivíduos a ter uma média mais baixa para “personalidade depressiva” era o grupo dos católicos praticantes, realizamos um teste- $t$  para igualdade de médias entre os católicos praticantes e os restantes grupos agrupados. A diferença continuou a não ser estatisticamente significativa,  $t(336) = 0.96$ ;  $p\text{-value}= .340$  ao nível de significância 0.05, pelo que parece que esta variável não tem uma relação explícita com a personalidade depressiva.

Ainda descobrimos evidências para duas variáveis sociodemográficas que apesar de não terem sido integradas neste estudo, faziam parte do questionário sociodemográfico: “Ter Filhos” e “Agregado Familiar”

“Ter Filhos”: Realizamos um teste- $t$  para igualdade de médias, de modo a comparar as médias entre “ter filhos” e “não ter filhos”, e os resultados foram significativos  $t(337) = 2.78$ ;  $p\text{-value}= .006$  ao nível de significância 0.05. O que parece indicar que quem tem filhos tem menos tendência a ter personalidade depressiva do que quem não tem filhos.

“Agregado Familiar”: Os resultados da ANOVA mostraram resultados significativos para a relação desta variável com a personalidade depressiva, ao nível de significância 0.05 [ $F(5, 330)= 3.57$ ;  $p\text{-value}= .004$ ].

O teste de comparações Post-Hoc indicou que a pontuação média para o grupo “Vive com o cônjuge” ( $M= 91.02$ ;  $DP= 24.77$ ; 95%  $CI= 86.29, 95.74$ ), face ao resultado total obtido no ITD, foi mais baixa comparativamente aos restantes grupos [(“Vive com o cônjuge e terceiros”,  $M= 92.40$ ;  $DP= 25.25$ ; 95%  $CI= 87.28, 97.51$ ); (“Vive com pais”,  $M= 94.02$ ;  $DP= 28.11$ ; 95%  $CI= 85.77, 102.27$ ); (“Vive com terceiros”,  $M= 98.81$ ;  $DP= 30.18$ ; 95%  $CI= 85.07,$

112.55); (“Vive só”,  $M= 102.73$ ;  $DP= 27.69$ ; 95%  $CI= 93.87, 111.58$ ); (“Outro”,  $M= 112.71$ ;  $DP= 31.01$ ; 95%  $CI= 99.61, 125.81$ )] apesar deste não ter sido um resultado estatisticamente significativo. Este resultado parece sugerir, num primeiro olhar, que as pessoas que vivem acompanhadas, sobretudo se por relativos próximos, evidenciam menos traços de personalidade depressiva.

## **Capítulo 5 - Discussão dos Resultados**

No presente capítulo iremos analisar e discutir os resultados obtidos à luz da questão exploratória central e inicial do nosso estudo, que era “qual será a influência das variáveis sociodemográficas sobre a personalidade depressiva?”, e ainda observar se de facto, a influência das variáveis sociodemográficas sobre a depressão é a mesma para a personalidade depressiva. Iremos também abordar uma a uma as hipóteses colocadas já com base nos resultados obtidos e discutir as possibilidades que destes se podem retirar.

Os resultados que obtivemos e que estão descritos no capítulo anterior revelam o seguinte:

Para a hipótese 1.1, a variável sociodemográfica “sexo”: ao contrário do esperado, os resultados que obtivemos mostram que não existe uma correlação significativa entre a variável sexo e a personalidade depressiva. Por outro lado, na literatura, encontram-se inúmeros estudos que encontram uma correlação significativa entre a variável depressão e a variável sexo e que indicam uma diferença entre géneros, mais especificamente que os indivíduos do sexo feminino têm uma maior predisposição para desenvolver um quadro clínico de depressão do que os indivíduos do sexo masculino (Akhtar-Danesh & Landeen, 2007; Epstein, Barker, and Kroutil, 2001, cit. por Levin-Aspenson & Watson, 2018). No presente estudo os resultados parecem mostrar que a variável sexo não tem uma influência significativa sobre a personalidade depressiva, ou seja, que ser homem ou ser mulher não prediz a maior ou menor predisposição para ter personalidade depressiva. Este é um resultado imprevisto, e até se poderá dizer misterioso! Como poderemos compreender que para a depressão se encontrem tantas evidências na literatura sobre a diferença entre sexos (Akhtar-Danesh & Landeen, 2007; Levin-Aspenson & Watson, 2018) e que para a personalidade depressiva, que é o tipo de personalidade da qual os episódios de depressão eclodem, (Campos, 2009), não se encontre a mesma diferença?

Na linha dos resultados obtidos, um estudo norueguês feito em gémeos adultos indica que não há evidências claras para diferenças de género nas fontes de comorbilidade entre

perturbação depressiva da personalidade e a depressão major (tendo em conta fatores genéticos e fatores ambientais) (Ørstavik, Kendler, Czajkowski, Tambs & Reichborn-Kjennerud, 2007).

O mesmo estudo indica que embora a perturbação depressiva da personalidade e a depressão major partilhem uma proporção substancial de fatores de risco genéticos e ambientais, estas são duas perturbações distintas, cujas etiologias se sobrepõem, mas que não são totalmente idênticas.

Por outro lado, um outro tipo de resposta a estes resultados inesperados pode estar, como alguns estudos hoje em dia têm vindo a argumentar, no facto de que a depressão nos homens não é tão facilmente sinalizada, e que os instrumentos atuais para medir a depressão estão mais adaptados ao sexo feminino do que ao masculino (Canals, Bladé, Carbajo, & Domènech-Llaberia, 2001; Cochran & Rabinowitz, 2000; Martin, Neighbors & Griffith, 2013; Nadeau, Balsan, & Rochlen, 2016; Salokangas, Vaahtera, Pacriev, Sohlman, & Lehtinen, 2002 cit. por Cole & Davidson, 2018). Se for o caso que se venha a revelar que estas evidências têm um fundamento verificado em estudos futuros, isto explicaria uma parte dos resultados obtidos: não haveria diferenças entre sexos tanto para a depressão como para a variável depressiva. Não obstante, esta perspetiva é exposta aqui em jeito exploratório.

Outro estudo aponta para que a relação entre os fatores de personalidade e sintomas depressivos é mediada pelo stress percebido, realçando o facto de que a personalidade é um fator importante a considerar quando analisamos a relação entre género e depressão (Kim, et. al., 2016). Neste caso as diferenças naturais entre homens e mulheres (hormonais, atributos psicológicos, papéis que desempenham na sociedade) podem estar na base da maior ou menor tendência para a eclosão da depressão major (Bebbington, 1996). Ou seja, poderão não haver diferenças entre homens e mulheres para a incidência de traços depressivos da personalidade, mas as características naturais de um e de outro sexo, poderiam resultar na maior tendência do sexo feminino para o agravamento das tendências depressivas em episódios de depressão major.

Estas são hipóteses exploratórias sobre uma questão que deve ser estudada a fundo futuramente: a influência desta variável sociodemográfica sobre a personalidade depressiva.

Para a hipótese 1.2., a variável sociodemográfica Idade: os resultados encontrados para influência da idade sobre a personalidade depressiva estão em concordância com a hipótese formulada que correlacionava significativa e negativamente as duas variáveis: quanto mais idade menor prevalência de traços depressivos da personalidade. Estes resultados estão também alinhados com os estudos encontrados sobre a relação entre a influência da idade sobre a depressão (Akhtar-Danesh & Landeen, 2007). Pelo que parece que, para esta variável sociodemográfica, a relação com depressão e a personalidade depressiva é idêntica.

Para a hipótese 1.3., a variável sociodemográfica Residência: os resultados encontrados não suportam a hipótese formulada. Neste caso a hipótese formulada previa que existisse uma maior prevalência de personalidade depressiva em residentes de áreas urbanas, comparativamente a residentes de áreas rurais. Os resultados para esta hipótese não foram significativos, ou seja, não se encontraram diferenças relevantes para a influência desta variável sobre a personalidade depressiva.

Na nossa ótica, é de ressaltar o facto de que, na nossa amostra, o número de indivíduos para ambas as áreas de residência era muito diferente, havendo um número muito maior de residentes em áreas urbanas (aproximadamente 91% da amostra) comparativamente às rurais. Esta diferença, de algum modo, retira consistência aos resultados e pede por investigações futuras mais aprofundadas sobre a influência desta mesma variável sobre a personalidade depressiva.

Para a hipótese 1.4., a variável sociodemográfica Nível de Escolaridade: os resultados confirmaram a hipótese colocada. Os resultados foram significativos para os indivíduos licenciados terem uma menor prevalência de personalidade depressiva do que os indivíduos não licenciados. Esta era uma das hipóteses suportadas pela literatura no que toca à relação da mesma variável com a depressão (e.g., Blazer et. al., 1994 cit. por Levin-Aspenson & Watson, 2018).

Adicionalmente evidenciamos o facto de que a diferença, na nossa amostra, no número de indivíduos para cada nível de escolaridade, era substancial (sendo o número de licenciados aproximadamente 50% da amostra), e sugerimos que uma investigação mais específica e aprofundada se faça neste sentido de compreender melhor a relação entre a variável nível de escolaridade e a personalidade depressiva.

Para a hipótese 1.5., a variável sociodemográfica Situação Laboral: os resultados suportam a hipótese colocada de que há uma menor incidência de personalidade depressiva entre os indivíduos empregados comparativamente às outras situações. Esta hipótese está assim em linha de acordo com a literatura sobre a relação desta mesma variável com a depressão (Zuelke, et. al., 2018).

Chegámos a realizar uma comparação exclusivamente para o grupo de Empregados com o grupo de Desempregados, mas esta relação não se mostrou significativa por si só. Neste caso, aconteceu novamente uma grande diferença de N para ambos os grupos, com o grupo dos empregados a perfazer aproximadamente 80% do número total de indivíduos da amostra.

Não obstante, a conclusão é clara de que esta variável sociodemográfica influencia significativamente a personalidade depressiva. Neste caso, a situação de estar empregado

parece prever uma menor prevalência de personalidade depressiva na população geral. Todavia, dada a diferença muito acentuada de números de indivíduos entre os grupos, sugerimos que a relação desta variável com a personalidade depressiva seja estudada mais específica e aprofundadamente.

Para a hipótese 1.6., a variável sociodemográfica Situação Económica: os resultados confirmam a hipótese colocada, predizendo que indivíduos com uma situação económica mais satisfatória têm menores índices de personalidade depressiva, em comparação com os indivíduos com uma situação económica menos satisfatória. Neste caso a conclusão é clara, o que não invalida a necessidade de se estudar a relação entre esta variável e a personalidade depressiva mais aprofundadamente, dado mais uma vez o caso de haver uma diferença grande no número de indivíduos entre grupos, e os grupos com o número reduzido poderem não representar a totalidade da sua situação específica.

Para a hipótese 1.7., a variável sociodemográfica Estado Civil: os resultados suportaram a hipótese colocada de que os indivíduos Casados têm menor prevalência de personalidade depressiva comparativamente a outros estados civis. Esta hipótese também está de acordo com a literatura revista sobre a relação desta variável com a depressão (Akhtar-Danesh & Landeen, 2007; Romans, Cohen & Forte, 2011; Epstein, Barker & Kroutil, 2001, cit. por Levin-Aspenson & Watson, 2018).

Encontramos novamente, um número reduzido de indivíduos para os grupos de outros estados civis (Viúvo, Divorciado/Separado), o que faz com que, para se obter uma informação mais precisa sobre a relação dos vários estados civis com a personalidade depressiva, seja necessário um estudo futuro, cuja amostra seja mais consistente para cada um dos grupos.

Para terminar, podemos verificar que, das sete hipóteses colocadas, cinco delas são confirmadas pelos resultados, o que num primeiro olhar, parece significar que a relação das variáveis sociodemográficas com depressão é muito semelhante à relação das mesmas variáveis com a personalidade depressiva. Deste modo, à luz de evidências ainda em botão, a primeira hipótese colocada (hipótese 1), parece revelar algumas flores a brotar no sentido da qual foi formulada.

Ainda para as variáveis que foram analisadas, embora não revistas numa hipótese de estudo: as variáveis “Nível de Escolaridade”, “Ter Filhos” e “Agregado Familiar” demonstraram uma relação significativa com a personalidade depressiva, mais explicitamente que: ter um nível de escolaridade mais elevado é um bom indicador de uma menor incidência de traços depressivos, o que vai ao encontro de algum dos estudos que encontramos sobre a relação desta mesma variável com a depressão; que quem tem filhos tem menor tendência a ter



uma personalidade depressiva; e que quem vive acompanhado, sobretudo dos relativos mais próximos (sobretudo o cônjuge) apresenta níveis mais baixos de personalidade depressiva comparativamente aos indivíduos que vivem sós ou noutras situações. Esta análise padece também de um estudo mais aprofundado e específico para que se possam retirar conclusões fidedignas. A variável “Crenças e Práticas Religiosas” não evidenciou nenhum resultado significativo, ao que sugere que esta variável não tem influência sobre a personalidade depressiva. Pela comparação de diferentes artigos da literatura científica da mesma variável com a depressão, explícita no enquadramento teórico deste estudo, que demonstrou diferentes evidências face a esta relação, sugerimos que conclusões sobre a relação desta variável com a personalidade depressiva, sejam somente tomadas em estudos posteriores específicos sobre o tema.

No final, podemos ver concretizado o objetivo inicial deste estudo, que era explorar a relação das variáveis sociodemográficas com a personalidade depressiva à luz da informação existente sobre a relação das mesmas variáveis com a depressão, que se evidencia também uma relação significativa.

### **Conclusões**

Este foi um estudo exploratório que nos ajudou a conhecer melhor a relação entre as variáveis sociodemográficas com a personalidade depressiva. Não havendo uma informação tão vasta sobre a personalidade depressiva e as variáveis sociodemográficas, como existe para a depressão, consideramos importantes os resultados deste estudo, que vemos como sendo um bom início para estudos vindouros e mais conclusivos e recheados. Podemos até dizer que este é um estudo pioneiro sobre este tema específico, adaptado à população portuguesa (uma vez que apenas cinco do total de participantes tinham outra nacionalidade).

Foi interessante confirmar que a revisão da literatura sobre a influência das variáveis sociodemográficas sobre a depressão foi uma boa base para estruturar e direcionar o estudo da influência das mesmas variáveis sobre a personalidade depressiva. Já dizia Campos (2009) que “a depressão funciona como um paradigma da psicopatologia: a sua compreensão serve para outras formas de patologia; é um modelo universal da perda e do sofrimento afetivo.”

No final da análise dos resultados para cada uma das hipóteses conseguimos compreender que as variáveis sociodemográficas “Idade”, “Nível de Escolaridade”, “Situação Laboral”, “Situação Económica” e “Estado Civil” influenciam a incidência de personalidade depressiva na população. Quanto às variáveis “Sexo” e “Residência Urbana/Rural”, não foram

encontrados resultados significativos para a influência das mesmas sobre a personalidade depressiva.

Na nossa perspetiva, os resultados obtidos para a variável “Residência Urbana/Rural” são inconclusivos, pois o número de residentes de áreas rurais era muito reduzido, e por isso é importante que, para esta variável, estudos futuros sejam feitos, com uma amostra cujo número de indivíduos seja mais representativo para os residentes desta área.

Também para a variável “Sexo”, a ausência de resultados significativos levanta algumas questões, no sentido de que é importante compreender este resultado, para lhe poder compreender o âmago, o que é que isto significa verdadeiramente. Esta minúcia na abertura ao verdadeiro significado de um resultado é, na nossa perspetiva, muito importante, pois é daqui que nascem questões importantes que levantam o véu para algo importante que ainda é desconhecido, tal como os navegadores portugueses um dia imaginaram que do lado de lá do mar poderia haver mais terra. No capítulo anterior colocamos algumas hipóteses para a razão deste resultado não indicar uma relação significativa entre a variável ‘sexo’ e a personalidade depressiva. Além da hipótese de que a depressão masculina poderá não ser ainda bem sinalizada pelos instrumentos existentes, e que possa até ter características psicossomáticas diferentes comparativamente às mulheres (Emslie, Rige & Hunt, 2006; Addis & Cohane, 2005, cit. por Zilinska & Smitkova, 2018), colocamos também em evidência a possibilidade de as características específicas para o sexo feminino (por exemplo, hormonais, atributos psicológicos, papéis que desempenham na sociedade) (Bebbington, 1996) serem um melhor ‘detonador’ dos estados de depressão major. O que propomos aqui é que talvez a diferença encontrada entre a depressão e a personalidade depressiva relativamente à variável sexo possa até estar próxima da realidade, e que talvez os traços depressivos sejam sinalizados em ambos os sexos sem diferenças significativas, mas que as diferentes características de ambos os sexos, levem, neste caso as mulheres, a terem mais episódios de depressão major do que os homens. Não obstante, consideramos imprescindível que se realizem estudos posteriores sobre a relação desta variável com a personalidade depressiva.

Encontramos ainda a relação de outras variáveis sociodemográficas que não aquelas incluídas nas hipóteses de estudo, e que demonstraram que ter um nível de escolaridade mais elevado (licenciatura ou mais), ter filhos, ter um agregado familiar composto de relativos próximos e significativos, são variáveis preditoras de menores níveis de personalidade depressiva na população.

Ao longo da nossa pesquisa também encontramos bastante literatura a apontar para a importância da variável apoio social (Eunice Rodriguez, 1999; Romans, Cohen & Forte, 2011)

e do sentido de pertença, para uma boa saúde mental e para um menor risco de depressão. E juntando as evidências que encontramos sobre o agregado familiar e ter filhos ou não, parecemos de extrema relevância que se avalie o impacto desta variável sobre a personalidade depressiva, pois bem sabemos a importância que as relações têm na psique humana (Matos, 2011), no Ser humano.

Uma vez que estes estudos servem, para além de se ‘saber’, para se poder intervir e mudar algo para melhor, sugerimos que perante os resultados obtidos, e com conclusões mais consistentes de estudos vindouros, se tomem medidas interventivas, no sentido de melhorar a qualidade de vida interna e por consequência externa - ou vice-versa, quem sabe, o ovo ou a galinha?- da população. E se isto, porventura, parecer algo utópico, comecemos por nós, por fazermos deste mundo um mundo mais feliz, por sermos aqueles que amamos, e logo, que edificam o que é bom, que curam...!

## **Referências Bibliográficas**

Akhtar-Danesh, N. & Landeen, J. (2007). Relation between depression and sociodemographic factors. *International Journal of Mental Health Systems*, 1:4, 1-9.

Bagby, R. M.; Watson, C. & Ryder, A. G. Depressive Personality Disorder and the Five-Factor Model. In: Widiger, T. A. & Costa, P. T., eds, *Personality Disorders and the Five-factor Model of Personality*, 3. ed., Washington: American Psychological Association, 2013, cap. 12, pp. 179-192.

Bebbington, P. (1996). The origins of sex differences in depressive disorder: bridging the gap. *International Review of Psychiatry*, 8, 295-332.

Campos, R. C. (2009). *Depressivos somos nós - Considerações sobre a depressão, a personalidade e a dimensão depressiva da personalidade*. Almedina, Universidade de Évora.

Campos, R. C. (2015). *Inventário de traços depressivos: Manual Técnico*. Centro de Investigação em Educação e Psicologia (CIEP-UE), Universidade de Évora.

Cole, B. P. & Davidson, M. M (2018). Exploring men's perceptions about male depression. *Psychology of Men & Masculinity*, No Pagination Specified.

Dooley, D.; Prause, J. & Bottom, K. A. Ham-Row. (2000). Underemployment and Depression: Longitudinal relationships. *Journal of Health and Social Behavior*, 41, 421-436.

Economias. (2016). DepressãoEconómica. Disponível em: <https://www.economias.pt/depressao-economica/>

Huprich, S. K.; Porcerelli, J.; Keaschuk, R.; Binienda, J.; Engle, B. (2008). Depressive personality disorder, dysthymia, and their relationship to perfectionism. *Depression and Anxiety*, 25(3), 207-217.

Kim, S. E.; Kim, H.; Cho, J.; Kwon, M.; Chang, Y.; Ryu, S.; Shin, H. & Kim, H. (2016). Direct and Indirect Effects of Five Factor Personality and Gender on Depressive Symptoms Mediated by Perceived Stress. *PLOS One*, 11(6), 1-14.

Kessel, E. M. & Klein, D. N. Depressivity and anhedonia. In: Zeigler-Hill, V. & Marcus, D. K., eds, *The Dark Side of Personality: Science and Practice in Social, Personality, and Clinical Psychology*, 1.ed., Washington: American Psychological Association, 2016, cap.15, pp. 307-324.

Kovess-Masféty, V.; Alonso, J. & Graaf, R. (2005). A european approach to rural—urban differences in mental health: The ESEMeD 2000 comparative study. *Canadian Journal of Psychiatry*, 50(14), 926-936.

Levin-Aspenson, H. & Watson, D. (2018). Mode of administration effects in psychopathology assessment: Analyses of gender, age, and education differences in self-rated versus interview-based depression. *Psychological Assessment*, 30(3), 287-295.

Matos, A. C. (2001). *A depressão*. 1ª edição, Climepsi Editores, Lisboa.

Matos, A. C. (2011). *Relação de Qualidade - Penso em ti*. 1ª edição, Climepsi Editores, Lisboa.

Memarianfard, A. (2016). An examination of depression and anxiety in urban-rural areas of the united states: Does urbanization impact depression and anxiety. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 76, (7-B)(E).

Mossakowski, K. N. (2009). The influence of past unemployment duration on symptoms of depression among young women and men in the united states. *American Journal of Public Health*, 99, 1826-1832.

Organização Mundial de Saúde (2017). Depression: let's talk. Disponível em: [http://www.who.int/mental\\_health/management/depression/en/](http://www.who.int/mental_health/management/depression/en/)

Ørstavik, R. E.; Kendler, K. S.; Czajkowski, N.; Tambs, K. & Reichborn-Kjennerud, T. (2007). The relationship between depressive personality disorder and major depressive disorder: A population-based twin study. *The American Journal of Psychiatry*, 164(12), 1866-1872.

Paine, D. R. & Sandage, S. J. (2017). Religious Involvement and Depression: The Mediating Effect of Relational Spirituality. *Journal of Religion & Health*, 56(1), 269-283.

Ryder, A. G.; Bagby, R. M.; Marshall, M. B. & Costa, P. T. Jr. The depressive personality: Psychopathology, assessment, and treatment. *In*: Rosenbluth, M.; Kennedy, S. D.; Bagby, R. M., eds, Depression and personality: Conceptual and clinical challenges, 2. ed., Washington: American Psychological Association, 2005, cap.26, pp. 65-94.

Rodriguez, E. (1999). Unemployment, depression, and health: A look at the African-American community. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 53, 1470-2738.

Romans, S.; Cohen, M. & Forte, T. (2011). Rates of depression and anxiety in urban and rural Canada. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 46, 567-575.

Saint-Exupéry, A. (2015). *O Príncipezinho*. Relógio D'Água Editores. Lisboa.

Streiner, D. L.; Cairney, J. & Veldhuizen, S. (2006). The epidemiology of psychological problems in the elderly. *Canadian journal of psychiatry*, 51(3), 185-191.

WFMH World Mental Health Day (2012). *DEPRESSION: A global public health concern*. Boletim de World Federation of Mental Health.

Zilinska, M. & Smitkova, H. (2018). Boys don't cry: Male depression through gender. *Psychologie a její kontexty*, 8(1), 87-97.

Zimmerman, J. A. (2013). Health disparities and depression in rural and urban older adults. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 73, (7-B)(E).

Zuelke, A. E.; Luck, T.; Schroeter, M.; Witte, A. V.; Hinz, A.; Engel, C.; . . . Riedel-Heller, S. G. (2018). The association between unemployment and depression—Results from the population-based LIFE-adult-study. *Journal of Affective Disorders*, 235, 299-406.